
A poesia de Carlos Drummond de Andrade

Memória e família: articulações poéticas

Resumo: Este artigo teve como provocação o que nos diz CANDIDO (2004) acerca da poética de Carlos Drummond de Andrade: “a família define e explica o modo de ser, como a casa demarca e completa o indivíduo no meio dos outros no seu texto *Inquietudes na poesia de Drummond* (CANDIDO, 2004, p. 85). Refletir sobre a articulação memória e família na poesia de Carlos Drummond de Andrade se faz importante para se observar o que Lima (1995) nos dirá sobre o princípio da corrosão na poesia e na escrita poética que versa sobre a família.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade; poética; memória; família.

Jorge Manoel Venâncio Martins

MARTINS, J.M.V. A poesia de Carlos Drummond de Andrade — Memória e família: articulações poéticas. In: Jornada de Linguagens, Tecnologia e Ensino, 1, 2017. Timóteo. *Atas da [...]*. Timóteo: CEFET-MG, 2017, p. 68-79. Disponível em: <http://www.lite.cefetmg.br/publicacoes/publicacoes-da-1a-lite/>. Acesso em: ...

A articulação memória-família se radicaliza através dos objetos componentes da casa pertencentes aos familiares e principalmente ao pai. Serviram para essa escrita objetos comuns e fotografias em que a memória ativa (re)encenava os espaços e movimentos da família reunida para ser fotografada. Para tal discussão, selecionamos os poemas *A mesa* (CE, p. 292) e *O peso de uma casa* de Carlos Drummond de Andrade, (FA, p. 1428) que nos revelam o modo como a família é apresentada e como a presença dela no espaço da escrita é, aparentemente, o modo do eu lírico estar no mundo e como o sujeito se inscreve e escreve no inventário familiar.

No poema *A mesa* (ANDRADE, 2007, p. 292), a cena construída é a de todos os irmãos mortos, outros vivos e a mãe — falecida — do sujeito que escreve, reunidos à mesa para um jantar imaginado em homenagem ao pai que completaria 90 anos se vivo estivesse. Encontrar-se-iam nesta reunião o poeta e a nova geração da família, os netos, entre estes, a filha. O poema inicia como diálogo entre o eu lírico e o pai morto na forma do pretérito imperfeito do subjuntivo, marcando assim o jantar-imaginado supostamente acontecido:

Ó velho, que festa grande
hoje te faria a gente.
(ANDRADE, 2007, p. 292)

É importante destacar que a homenagem ocorre no presente, pois é no jogo passado/presente que o poema se constrói, como se observa nos versos do poema:

A mesa

E não gostavas de festa. . .
Ó velho, que festa grande
hoje te faria a gente.
E teus filhos que não bebem
e o que gosta de beber,
em torno da mesa larga,

largavam as tristes dietas,
esqueciam seus tricotes,
e tudo era farra honesta
acabando em confiança.
Ai, velho, ouvirias coisas
de arrepiar teus noventa.
(ANDRADE, 2007, p. 292)

A mesa é o espaço da realização do “jantar mineiro” onde o eu lírico consegue reunir passado e presente. Ela é também o espaço das decisões, da dissipação e da dissolução dos bens — como se observa no poema *Os Bens e o sangue* (ANDRADE, 2007, p. 282) — na poética da articulação memória-família. Mas a mesa é também o lugar/espaço do afeto no convívio familiar:

E daí, não te assustávamos,
porque, com riso na boca,
e a média galinha, o vinho
português de boa pinta,
e mais o que alguém faria
de mil coisas naturais
e fartamente poria
em mil terrinas da China,
já logo te insinuávamos
que era tudo brincadeira.
Pois sim. Teu olho cansado,
mas afeito a ler no campo
uma lonjura de léguas,
e na lonjura uma rês
perdida no azul azul,
entrava-nos alma adentro
e via essa lama podre
e com pesar nos fitava
e com ira amaldiçoava
e com doçura perdoava
(perdoar é rito de pais,
quando não seja de amantes).
E, pois, tudo nos perdoando,
por dentro te regalavas
de ter filhos assim... Puxa,
grandessíssimos safados,
me saíram bem melhor
que as encomendas. De resto,
filho de peixe... Calavas,
com agudo sobreceño
interrogavas em ti
uma lembrança saudosa
e não de todo remota
e rindo por dentro e vendo
que lançaras uma ponte
dos passos loucos do avô
à incontinência dos netos,
sabendo que toda carne
aspira à degradação,
mas numa via de fogo
e sob um arco sexual,
tossias. Hem, nem, meninos,
não sejam bobos. Meninos?
Uns marmanjos cinquentões,
calvos, vívidos, usados,

mas resguardando no peito
essa alvura de garoto,
essa fuga para o mato,
essa gula defendida
e o desejo muito simples
de pedir à mãe que cosa,
mais do que nossa camisa,
nossa alma frouxa, rasgada ...

(ANDRADE, 2007, p. 292)

Destaca-se a composição do jantar, a comida típica mineira de modo a salientar a memória olfativa e a memória gustativa:

Ai, grande jantar mineiro
que seria esse... Comíamos,
e comer abria fome,
e comida era pretexto.
E nem mesmo precisávamos
ter apetite, que as coisas
deixavam-se espostear,
e amanhã é que eram elas.
Nunca desdenhe o tutu.
Vá lá mais um torresminho.
E quanto ao peru? Farofa
há de ser acompanhada
de uma boa cachacinha,
não desfazendo em cerveja,
essa grande camarada.
ind'outro dia... Comer
guarda tamanha importância
que só o prato revele
o melhor, o mais humano
dos seres em sua treva?
Beber é pois tão sagrado
que só bebido meu mano
me desata seu queixume,
abrindo-me sua palma?
Sorver, papar: que comida
mais cheirosa, mais profunda
no seu tronco luso-árabe,
que a todos nos une em um
tal centímano glutão,
parlapatão e bonzão!
(ANDRADE, 2007, p. 282)

Em um exercício cinematográfico, o eu lírico circula a mesa como se estivesse com uma câmara à mão, e vai apresentando ao pai os membros da família descrevendo-lhes os aspectos pessoais, os nomes em destaque foram extraídos do livro *Conversas com a Saudade* (2010), de Flávia Andrade Goulart (Favita), sobrinha de Carlos Drummond de Andrade, e com quem trocavam entre si correspondências. Vemos:

Rosa Amélia

E nem falta a irmã que foi

mais cedo que os outros e era
rosa de nome e nascera
em dia tal como o de hoje
para enfeitar tua data.
Seu nome sabe a camélia,
e sendo uma rosa-amélia,
flor muito mais delicada
que qualquer das rosas-rosa,
viveu bem mais do que o nome,
porém no íntimo claustrava
a rosa esparsa. A teu lado,
vê: recobrou-se-lhe o viço.

(Flaviano, “tio Vivi”)

Aqui sentou-se o mais velho.
Tipo do manso, do sonso,
não servia para padre,
amava casos bandalhos;
depois o tempo fez dele
o que faz de qualquer um;
e à medida que envelhece,
vai estranhamente sendo
retraio teu sem ser tu,
de sorte que se o diviso
de repente, sem anúncio,
és tu que me reapareces
noutro velho de sessenta.

(Altivo, pai de D. Flavita)

Este outro aqui é doutor,
o bacharel da família,
mas suas letras mais doudas
são as escritas no sangue,
ou sobre a casca das árvores.
Sabe o nome da florzinha
e não esquece o da fruta
mais rara que se prepara
num casamento genético,
Mora nele a nostalgia,
cidadino, do ar agreste,
e, camponês, do letrado.
Então vira patriarca.

(José, “tio Zezé”)

Mais adiante vês aquele
que de ti herdou a, dura
vontade, o duro estoicismo.
Mas, não quis te repetir.
Achou não valer a pena
reproduzir sobre a terra
o que a terra engolirá.
Amou. E ama. E amará.
Só não quer que seu amor

seja uma prisão de dois,
um contrato, entre bocejos
e quatro pés de chinelo.
Feroz a um breve contato,
à segunda vista, seco,
à terceira vista, lhano,
dir-se-ia que ele tem medo
de ser, fatalmente, humano.
Dir-se-ia que ele tem raiva,
mas que mel transcende a raiva,
e que sábios, ardilosos
recursos de se enganar
quanto a si mesmo: exercita
uma força que não sabe
chamar-se, apenas, bondade.

(Mariinha)

Esta calou-se. Não quis
manter com palavras novas
o colóquio subterrâneo
que num sussurro percorre
a gente mais desatada.
Calou-se, não te aborreças,
Se tanto assim a querias,
algo nela ainda te quer,
à maneira atravessada
que é própria de nosso jeito.
(Não ser feliz tudo explica.)

Nos versos seguintes o eu lírico demonstra o vazio interior que se pode entender também como ausência, falta ou perda. Entretanto logo nos últimos versos recupera a herança familiar:

Bem sei como são penosos
esses lances de família,
e discutir neste instante
seria matar a festa,
matando-te — não se morre
uma só vez, nem de vez.
Restam sempre muitas vidas
para serem consumidas
na razão dos desencontros
de nosso sangue nos corpos
por onde vai dividido.
Ficam sempre muitas mortes
para serem longamente
reencarnadas noutra morto.
Mas estamos todos vivos.
E mais que vivos, alegres.
Estamos todos como éramos
antes de ser, e ninguém
dirá que ficou faltando
algum dos teus. Por exemplo:

(Carlos Drummond de Andrade, “tio Carlos)

ali ao canto da mesa,
não por humilde, talvez
por ser o rei dos vaidosos
e se pelar por incomodas
posições de tipo gauche,
ali me vês tu. Que tal?
Fica tranquilo: trabalho.
Afinal, a boa vida
ficou apenas: a vida
(e nem era assim tão boa
e nem se fez muito má).
Pois ele sou eu. Repara:
tenho todos os defeitos
que não farejei em ti
e nem os tenho que tinhas,
quanto mais as qualidades.
Não importa: sou teu filho
com ser uma negativa
maneira de te afirmar.
Lá que brigamos, brigamos,
opa! que não foi brinquedo,
mas os caminhos do amor,
só amor sabe trilhá-los.
Tão ralo prazer te dei,
nenhum, talvez. . . ou senão,
esperança de prazer,
é, pode ser que te desse
a neutra satisfação
de alguém sentir que seu filho,
de tão inútil, seria
sequer um sujeito ruim.
Não sou um sujeito ruim.
Descansa, se o suspeitavas,
mas não sou lá essas coisas.
Alguns afetos recortam
o meu coração chateado.
Se me chateio? demais.
Esse é meu mal. Não herdei
de ti essa balda. Bem,
não me olhes tão longo tempo,
que há muitos a ver ainda.

(Irmãos mortos prematuramente)

Há oito. E todos minúsculos,
todos frustrados. Que flora
mais triste fomos achar
para ornamento de mesa!
Qual nada. De tão remotos,
de tão puros e esquecidos
no chão que suga e transforma,
são anjos. Que luminosos!
que raios de amor radiam,

e em meio a vagos cristais,
o cristal deles retine,
reverbera a própria sombra.
São anjos que se dignaram
participar do banquete,
alisar o tamborete,
viver vida de menino.
São anjos. E mal sabias
que um mortal devolve a Deus
algo de sua divina
substância aérea e sensível,
se tem um filho e se o perde.

(Presentes à mesa)

Conta: quatorze na mesa.
Ou trinta? serão cinquenta,
que sei? se chegam mais outros,
uma carne cada dia
multiplicada, cruzada
a outras carnes de amor.
São cinquenta pecadores,
se pecado é ter nascido
e provar, entre pecados,
os que nos foram legados.
A procissão de teus netos,
alongando-se em bisnetos,
veio pedir tua bênção
e comer de teu jantar.

(Maria Julieta, filha viva de Drummond e D. Dolores)

Repara um pouquinho nesta,
no queixo, no olhar, no gesto,
e na consciência profunda
e na graça menineira,
e dize, depois de tudo,
se não é, entre meus erros,
uma imprevista verdade.
Esta é minha explicação,
meu verso melhor ou único,
meu tudo enchendo meu nada.

(Após a apresentação)

Agora a mesa repleta
está maior do que a casa.
Falamos de boca cheia,
xingamo-nos mutuamente,
rimos, ai, de arreentar,
esquecemos o respeito
terrível, inibidor,
e toda a alegria nossa,
ressecada em tantos negros
bródios comemorativos
(não convém lembrar agora),
os gestos acumulados

de efusão fraterna, atados
(não convém lembrar agora),
as fina-e-meigas palavras
que ditas naquele tempo,
teriam mudado a vida
(não convém mudar agora),
vem tudo à mesa e se espalha
qual inédita vitualha.

(O afeto materno — Vovó Julieta)

Oh que ceia mais celeste
e que gozo mais do chão!
Quem preparou? que incontestes
vocações de sacrifício
pôs a mesa, teve os filhos?
quem se apagou? quem pagou
a pena deste trabalho?
Quem foi a mão invisível
que traçou este arabesco
de flor em torno ao pudim,
como se traça uma auréola?
quem tem auréola? quem não
a tem, pois que, sendo de ouro,
cuida logo em reparti-la,
e se pensa melhor faz?
quem senta do lado esquerdo,
assim curvada? que branca,
mas que branca mais que branca
tarja de cabelos brancos
retira a cor das laranjas,
anula o pó do café,
cassa o brilho aos serafins?
quem é toda luz e é branca?
Decerto não pressentias
como o branco pode ser
uma tinta mais diversa
da mesma brancura... Alvura
elaborada na ausência
de ti, mas ficou perfeita.
concreta, fria, lunar.

(O pai e a Mãe)

Como pode nossa festa
ser de um só que não de dois?
Os dois ora estais reunidos
numa aliança bem maior
que o simples elo da terra.

(Todos)

Estais juntos nesta mesa
de madeira mais de lei
que qualquer lei da república.

Estais acima de nós,
acima deste jantar
para o qual vos convocamos
por muito — enfim — vos queremos
e, amando, nos iludirmos
junto da mesa
vazia.

(ANDRADE, 2007, p. 292)

Veja-se a presença da mãe, num primeiro momento do poema, o eu lírico a enuncia ao lado esquerdo do pai, depois é ela o elo da família, a que faz as costuras no relacionamento familiar. Das mãos dela o jantar-imaginado e a ornamentação da mesa-hipotética acontecem. Ao mesmo tempo que a mesa aparece como objeto da casa, é um espaço da representação da família drummondiana, como também é o espaço da confissão e da solidão do eu lírico. E ainda a mesa nos sugere ser a própria mãe, entretanto as representações mesa/mãe, pai/filhos e netos parece não ser no poema o enigma, pois o imaginado/hipotético jantar mineiro nada existe, o que há de real é a mesa vazia, que pode ser compreendida como a falta, o vazio interior, a saudade, os versos finais nos mostram a consciência deste vazio:

Estais juntos nesta mesa
de madeira mais de lei
que qualquer lei da república.
Estais acima de nós,
acima deste jantar
para o qual vos convocamos
por muito — enfim — vos queremos
e, amando, nos iludirmos
junto da mesa
vazia.

(ANDRADE, 2007, p. 292)

Esta sensação de “vazio” deste sujeito poético, esse jantar hipotético, esse “jantar mineiro” representam os “espaços das nossas solidões” (BACHELARD, 1989, p. 30) dos entes queridos passados é indelével ao eu lírico, como se vê nos versos:

por muito — enfim — vos queremos
e, amando, (...).

(ANDRADE, 2007, p. 292)

Esta ausência é também percebida no espaço da casa, em seus objetos que na maturidade do eu lírico é guardado na memória, segundo Bachelard,

mesmo quando se perdeu a mansargada, ficará para sempre o fato de que se amou um sótão, ficará para sempre o fato de que se viveu numa mansargada (BACHELARD, 1989, p. 30).

O peso de uma casa
La maison de mon père était vaste et commode
merecia de mim um soneto ou uma ode.

Eu não soube entendê-la eu não soube trová-la.
Só resta, exígua estampa, o frescor de uma sala.

Aquela egrégia escada, aquela austera mesa
sumiram para sempre em lances de incerteza.

Caem móveis em pó, e ondulantes cortinas
deixaram de esvoaçar no silêncio de Minas.

Ouço o tlintlim de um copo, o espocar de uma rolha,
sonidos hoje iguais ao virar de uma folha.

Cada tábua estalando em insônia sussurra
a longa tradição da família casmurra.

E os passos dos antigos, a grita das crianças
migram do longe-longe em parábolas mansas.

Perco-me a visitar a clausura dos quartos
e neles eis entrevejo no escorrer de lagartos,

Formas acidentais de uma angústia infantil
a estruturar-se logo em castelo febril.

Sou eu só a portar o peso dessa casa
que afinal não é mais que sepultura rasa.

(ANDRADE. 2007, p. 1421)

Este poema *O peso de uma casa* encontra-se no livro *Farewell*, publicado em 1996, nove anos após a morte do poeta, portanto um livro póstumo.

Peso de uma casa é um poema composto em dísticos — versos de duas estrofes — rimados. Nele o eu lírico parece querer recuperar e guardar, através da memória, principalmente e pela escrita, a casa paterna e os objetos que a compõem: móveis, cortinas, uma escada, “austera mesa”, o piso da casa (“cada tábua estalando...”), quartos; e o movimento dos familiares:

Ouço o tlintlim de um copo, o espocar de uma rolha,
sonidos hoje iguais ao virar de uma folha.

Cada tábua estalando em insônia sussurra
a longa tradição da família casmurra.

E os passos dos antigos, a grita das crianças
migram do longe-longe em parábolas mansas.

(ANDRADE, 2007, p. 1421)

Neste poema, a ambiguidade da falta dos entes queridos mortos é-nos revelada metonimicamente através dos elementos constituintes da casa. Segundo LIMA, (1995) no contexto drummondiano [a corrosão] aparece como uma maneira de assumir a História, de se opor com ela em relação aberta (LIMA, 1995, p. 131). O peso de uma casa parece sugerir consciência a perceptividade da vida e aceitar a história pessoal através da escrita:

Sou eu só a portar o peso dessa casa
que afinal não é mais que sepultura rasa.

(ANDRADE, 2007, p. 1421)

Se observarmos bem, “casa” aparece em toda obra poética drummondiana, a iniciar pelo primeiro livro *Alguma poesia*, (ANDRADE, 1930). Aqui ela aparece no universo infantil como um ambiente equilibrado, segundo Oliveira

Nos primeiros livros, notadamente em *Sentimento do mundo* (1940), *A Rosa do povo* (1945), *José* (1948) e *Claro enigma* (1951) a casa aparece, muitas vezes, associada à figura paterna, transformando-se em palco que expõe o difícil e tenso diálogo entre o poeta e o pai, numa relação que é poeticamente condicionada por um sentimento ambíguo de “terroramor”. (OLIVEIRA, 2003, p.109-117).

Pode-se entender casa como o espaço onde se abrigam os mortos, representando o “resto” de uma família, como casa e pai, ou casa e mãe, se interagem, fundem-se cobertos por “heras” e depois se transformam em “pó”:

Caem móveis em pó,

(ANDRADE, 2007, p. 1421)

Segundo Bosi, O tempo reversível é, portanto, uma construção da percepção e da memória: supõe o tempo como sequência, (...) (BOSI, 1992, p. 27). Para este autor,

A memória articula-se formalmente e duradouramente na vida social mediante a linguagem. Pela memória as pessoas que se ausentaram, tornam-se presentes. [...] É pela linguagem que permite conservar e reavivar a imagem que cada geração tem das anteriores. Memória e palavra, no fundo são inseparáveis, são a condição do tempo reversível. (BOSI, 1992, p. 27).

Considerando os poemas aqui apresentados podemos compreender o modo como a família foi objeto de inquietação na obra drummondiana, principalmente a figura do pai. Na escrita poética, essa relação - eu lírico/família - nem sempre aparece nos poemas equilibrada, e sim por vezes percebe-se a tentativa do apagamento, a negação. Podemos ver essa aproximação e distanciamento no poema *A mesa* quando o sujeito poético se apresenta ao pai. No poema *O peso de uma casa*, em que o poeta constrói a topografia da habitação paterna (OLIVEIRA, 2003, p. 109-117), “casa” pode ainda representar a figura paterna, a família patriarcal, mas também a idéia de se conservar e reavivar a imagem da família na forma do afeto, da saudade, daí a identificação e a consciência de o eu lírico reconhece (e se reconhece) que essa casa

“afinal não é mais que sepultura rasa.”

(ANDRADE, 2007, p. 1421)

Essa mesa de madeira mais de lei (ANDRADE, 2007, p. 282) é sangue e andrade é árvore (ANDRADE, 2007, p. 945), é resistência, portanto,

Não importa: sou teu filho
com ser uma negativa
maneira de te afirmar.

(ANDRADE, 2007, p. 292)

Em certos momentos a mesa/de madeira mais de lei (ANDRADE, 2007, p. 282) é também mais que a casa e os seus constituintes, como os móveis e outros, por exemplo, mas também significa o conflito vivido pelo sujeito poético entre os espaços do ser moderno e do que é preciso registrar em forma de versos o que os fragmentos da memória guardam. Como nos disse Borges, é pela linguagem que permite conservar e reavivar a imagem que cada geração tem das anteriores. (BOSI, 1992, p. 27).

Referências bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*: Conforme as disposições do autor. 1ª Edição. Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 2007.

BOSI, Alfredo. O tempo e os tempos. In: NOVAIS, Adauto. (org). *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora Ouro Azul, 2011

LIMA, Luiz Costa. A aguarrás do tempo: estudos sobre a narrativa. *Drummond: as metamorfoses da corrosão!* Rio de Janeiro: Rocco. 1989, p. 285-311.

OLIVEIRA, Silvana Maria Pessoa. Casas de Memória e Escrita na Poesia de Carlos Drummond de Andrade. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 109-117, 1º sem. 2003.